

A GRAMÁTICA LUSO-BRASILEIRA E O MÉTODO CIENTÍFICO

Leonor Lopes Fávero*
Márcia A G Molina**

RESUMO: *Nosso objetivo neste artigo é cotejar a Gramática da Língua Portuguesa,¹ de Pacheco Silva e Lameira de Andrade, com A Língua Portuguesa,² de Adolfo Coelho, à luz da História das Idéias Lingüísticas no Brasil, verificando suas semelhanças e dessemelhanças. A primeira, feita em nosso país para suprir a lacuna advinda com o Programa de Exames de Fausto Barreto, em 1887; a segunda, em Portugal, em 1881 e divisora de águas, já que inaugura lá o método científico. Como acreditamos que os homens se parecem mais com o seu tempo do que com seus pais,³ já que não são eles que fazem a história, mas a história é quem os faz, apresentamos, primeiramente, uma rápida retrospectiva histórica, visitando os anos que antecederam a criação dos compêndios. Mostramos que o século XIX foi um momento de sensíveis transformações tanto no Brasil, quanto em Portugal e a compreensão dessas possibilitou-nos uma melhor interpretação dos fatos. Apresentamos, sucintamente, uma biografia dos autores, pois, como diz Foucault (1979), o nome do autor já é uma descrição de sua obra. Finalmente, discutimos os dados. Pudemos perceber que, embora procurando apoiarem-se no recém-criado método histórico-comparativo, ambas refletem as ambigüidades que um período de transformações faz emergir, já que em alguns momentos sentimos a força da tradição lingüística agindo sobre a da renovação.*

PALAVRAS-CHAVE: *A Língua Portuguesa; Gramática da Língua Portuguesa; estudo comparativo; Brasil; Portugal.*

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de São Paulo.

** Universidade de Santo Amaro e Centro Universitário de Santo André.

¹ Consultamos para o trabalho a 2ª edição da obra em questão.

² Consultamos a 1ª edição da obra.

³ Ditado árabe.

1. CONTEXTO HISTÓRICO: PORTUGAL E BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

A segunda metade do século XIX foi, como sabemos, extremamente vigorosa, no que diz respeito a mudanças: rica em movimentos intelectuais e literários e plena de invenções tecnológicas. A todo momento, novos instrumentos surgiam, correntes filosóficas ganhavam adeptos, poetas importantes conflitavam, valorizando essa ou aquela escola literária.

Naquela ocasião, as idéias do liberalismo ganhavam mais e mais adeptos, permeando criações literárias, partidos políticos e chegando ao governo. O Romantismo agonizava, dando lugar a uma corrente estética que *realiza o exato consórcio entre a obra de arte e o meio social* (Moisés, 1973, p. 198), questões de ensino eram discutidas em todo o mundo, métodos educacionais penetravam as paredes escolares, e intelectuais esforçavam-se para promover um ensino efetivamente *nacional*.

A ferida do analfabetismo era uma mácula que urgia ser extirpada de uma sociedade que almejava o progresso, por isso havia um esforço para que a escola primária abarcasse todos os territórios de forma universal, gratuita e obrigatória (Luzuriaga, 1973). A educação secundária desenvolvia-se, mas limitava-se a atender às classes sociais mais abastadas, já que era encarada como um meio de se atingir a universidade.

Por aqui e por ali, o Evolucionismo de Darwin e Spencer e o Positivismo de Augusto Comte ganhavam adeptos, infiltrando-se em todas as áreas do saber e proporcionando uma radical mudança na maneira de se ver o mundo, e a Lingüística Comparada de Frederico Diez, Franz Bopp e Max Müller começava a revolucionar os estudos gramaticais, rompendo com a tradição logicista, chegando ao mundo lusófono pelas mãos de dois grandes estudiosos: primeiramente a Portugal, por Adolfo Coelho e, depois, ao Brasil, por Júlio Ribeiro e por muitos outros estudiosos, inclusive pelos professores do Colégio de Pedro II, Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade.

2. Os AUTORES

2.1. Adolfo Coelho

Adolfo Coelho (1847-1919), doutor pela Universidade de Heidelberg e grande conhecedor da língua portuguesa, foi, ao lado de Teófilo Braga e Leite de Vasconcelos, uma das figuras mais importantes no desenvolvimento da etnografia e da antropologia em Portugal, durante o século XIX.

Em 1868, bastante influenciado pelas linhas científico-filosóficas, que iluminavam os intelectuais naquela ocasião, escreve aquela que, de acordo com Gonçalves (2004), seria considerada a primeira obra na qual se veriam aplicados os métodos da gramática comparativa a uma língua românica: *Língua Portuguesa: Fonologia, Etimologia, Morfologia e Sintaxe*. Em 1870, produz *Teoria da conjugação em Latim e Português*, iluminado também pelas correntes científicas e, em 1871, preocupado com os desmandos na educação, profere um discurso publicado pouco tempo depois, em 1872, sob o título *A questão do ensino*, no qual assevera: “O homem carece d’um ensino que corresponda na sua complexidade à complexidade do estado social em que é obrigado a viver. Depois, que seu fim deve ser levar o homem à concepção mais perfeita possível do seu destino” (Silva, 1995, p. 39), ou seja, fazer o homem atingir sua plena realização.

Em 1874, saíram suas *Questões de Língua Portuguesa* e, em 1880, *A Língua Portuguesa – Noções de Glotologia Geral e Especial Portuguesa* – objeto de nossa análise.

Além dessas obras de caráter didático-pedagógico, Adolfo Coelho foi autor de um *Dicionário Etimológico*, que fazia parte de um plano maior, já que seu objetivo era mesmo traçar toda uma *História da Língua Portuguesa* unida a um *Glossário do Português Arcaico e Provincial*, embora não tivesse conseguido atingir seu intento.

Esse estudioso também impulsionou os estudos dos dialetos crioulos, ampliou os dos ciganos e ainda realizou importantes pesquisas sobre as línguas pré-romanas da Lusitânia e da Península Ibérica.

2.2. Manuel Pacheco da Silva Júnior

Nasceu no Rio de Janeiro em 1842 e faleceu em Niterói em 1899. Seu pai foi um médico ilustre e também Reitor do Colégio Pedro II. Pacheco da Silva Júnior com ele aprendeu as primeiras letras, matriculando-se depois na Escola Politécnica, onde cursou apenas o primeiro ano. Teve de mudar-se para a Europa por problemas de saúde, entrando em contato com as correntes lingüísticas que por lá circulavam.

Dedicou-se ao magistério desde a juventude, tendo sido professor de inglês do Liceu de Artes e Ofícios e, graças a seu profundo conhecimento de lingüística, adquiriu distinção como filólogo.

Em 1879 prestou concurso no Colégio de Pedro II, tendo sido professor catedrático de Português e História Literária.

Dentre suas produções, destacam-se: *Noções de Gramática Portuguesa*, *Noções de Semântica*, *Estudos de Língua Vernácula*, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, *Noções de Análise Gramatical*, *Fonética*, *Etimológica e Sintática*, *Estudos Filológicos de João Ribeiro*. Colaborou ainda em diversos jornais e revistas, dentre os quais, a Revista Brasileira.

3.3. Boaventura Plácido Lameira de Andrade

Apesar dos relevantes serviços prestados pelo autor ao Ensino de Língua Portuguesa, tanto como professor da Escola Normal quanto como co-autor da obra em epígrafe, poucas notícias se tem de Lameira de Andrade. Sabemos que foi casado com Carolina Levereuth de Andrade, teve um filho, Pedro Lameira de Andrade, e veio a falecer quando esse contava 17 anos.

2. ANÁLISE DAS OBRAS

3.1. Objetivos

3.1.1. *Gramática da Língua Portuguesa*⁴

No prefácio da primeira edição, os autores explicam que seu objetivo fora o de escrever uma “gramática completa da língua portuguesa, rompendo em luta a tradição” (p. 5), mas, em virtude do programa de Fausto Barreto, tiveram de mudar o seu propósito, pois o que haviam pensado não contemplava o lá exigido. Já, na segunda edição, Pacheco Silva e Lameira de Andrade asseveram que a obra assenta-se sobre a base da história e da comparação, “único método do ensino racional, que pode logicamente encadear causas e efeitos, concorrendo para mais fácil encerebração dos fatos e das leis da linguagem” (p. 3). Continuam afirmando que, muitas vezes, palavras *mudas* despertam para a *consciência atual da linguagem* por meio da análise e do olhar do historiador, exemplificando isso com uma rápida análise diacrônica de *palavra* e *libertino*. Finalizam o prefácio dizendo que uma gramática portuguesa, escrita para favorecer um maior aproveitamento dos alunos, deve ser vazada nos moldes por eles adotados, portanto, no método histórico-comparativo.

3.1.2. *A Língua Portuguesa*

Adolfo Coelho, em sua *A Língua Portuguesa*, por outro lado, explica que seu objetivo fora o de “acudir às necessidades mais urgentes do ensino da língua materna e dissipar opiniões errôneas que se professavam” (p. V), e não fazer um livro em que todas as questões fossem expostas. Explica ainda que não fizera uma obra

⁴ Ver também: *Um estudo descritivo-analítico da Gramática Expositiva (Curso Superior) de Eduardo Carlos Pereira*, tese de doutoramento, USP, 2004, v. I.

para ser decorada pelos estudantes, mas um manual que os auxiliasse a examinar *alguns* fatos, refletir sobre eles para somente depois fixá-los na memória, apoiado possivelmente em Spencer,⁵ para quem a educação deveria ser a preparação para a vida, acentuando seu caráter utilitário e científico em detrimento do tradicional e livresco.

3.2. Partição das obras

3.2.1. *Gramática da Língua Portuguesa*

Essa gramática apresenta uma longa *Introdução* na qual os autores expõem um histórico da Língua Portuguesa, desde as línguas ibéricas e célticas, passando depois aos idiomas fenícios, tratando tanto do latim vulgar quanto do clássico e informando que o português “é apenas uma variação do tipo latino e que os elementos peregrinos não puderam desviá-la” (a língua) “da sua evolução natural” (p. 11).

Em seguida, Pacheco e Lameira explicam a periodização da Língua Portuguesa, indicando a importância de várias outras línguas, da transferência, da ficção literária e mitologia, crenças e credulidades, do erro etimológico (*sic*) e da analogia na constituição de nosso léxico.

Continuam tratando do arcaísmo, hibridismo e neologismo, definindo o primeiro como “palavras que se perdem na solução de continuidade, mas cujo desaparecimento, como nos seres orgânicos, concorre para o desenvolvimento da linguagem” (p. 39). O segundo é assim compreendido pelos autores: “Esses produtos bárbaros de elementos latinos e gregos muito afeiam a língua, e são – na frase de Lathan – um ‘malum per se’” (p. 38). Já os neologismos são definidos como “novos meios de exprimir o pensamento e en-

⁵ Em sua *Educação Intelectual*.

riquecer a língua, dando outrossim, várias acepções a cada uma das palavras” (p. 42), classificando-os em extrínsecos e intrínsecos.

Por essas três definições, já podemos constatar um ponto de vista paradoxal por parte dos autores, pois, ao mesmo tempo em que apresentam modernidade, ao adotarem expressões da corrente naturalista dos estudos gramaticais e aceitarem os neologismos – afirmando que eles concorriam para o enriquecimento da língua – mostram-se “preconceituosos”, por discriminarem a formação vocabular pelo hibridismo, julgando-os *produtos bárbaros*. Muitos estudiosos na ocasião entendiam que a mistura híbrida era considerada um neologismo e, como tal, pernicioso à língua, já que concorreria para conspurcar o purismo do vernáculo.

Dando continuidade à *Introdução*, os autores aclaram que são três os dialetos do português: o galego, o indo-português e o suajo,⁶ e que o português falado no Brasil difere do de Portugal não só pela pronúncia, como pela transferência de significação de algumas palavras. Finalizam o capítulo com uma relação⁷ de “brasileirismos e modos próprios de dizer a cada província”.

Definem o objeto da gramática portuguesa, ou seja, informam que ela deve apresentar um estudo geral, descritivo, histórico, comparativo e coordenativo dos fatos e das leis que regem nosso idioma, dividindo tais estudos em *Lexicologia (Lexeologia)*,⁸ na qual discorrem sobre fonologia portuguesa, tratando de fonética, metaplasmos, prosódia e ortografia (**LIVRO I**), comparando nosso idioma ao latim; taxionomia, inscrevendo aí, além da classificação dos vocábulos, um estudo de homonímia e paronímia, agrupando as palavras, tanto por família, quanto por associação de idéias; e morfologia, estudando: flexões, formação de palavras, formas divergentes, etimologia e inscrevendo aí a semântica, explicando:

⁶ Falada na região do Suajo (Norte de Portugal, próxima à Galícia).

⁷ Ao final dessa parte, são relacionadas mais de cento e cinquenta palavras e respectivos significados.

⁸ Não havia, na ocasião, uma normatização relativa ao emprego desses termos. Ambos os autores, para que não restassem dúvidas, utilizaram *lexicologia* e *lexiologia*.

FÁVERO, Leonor Lopes e MOLINA, Márcia A G. A gramática luso-brasileira...

Podemos deduzir o sentido das palavras da *identidade do radical* (*espelho* •*spec.* = *ver*), o que constitui uma espécie de sinonímia latente, ou da especialização de afixos, como *a* e *in* privativos (*atonía, injusto*), *per* e *pré sup.* (*perlúcio, preclaro*), os expoentes aumentativos e diminutivos (*caixão, caixinha, espadim, quintalete, homúnculo*), o sufixo adverbial *mente*. (p. 474)

e sintaxe (**LIVRO II**), dividindo-a em léxica ou de palavras e lógica ou de proposições.

3.2.2. *A Língua Portuguesa*

A obra de Adolfo Coelho, *A Língua Portuguesa*, está dividida em quatro seções. Na primeira, intitulada **Noções gerais e classificação das línguas**, o autor apresenta os conceitos com os quais trabalha.⁹ Já reconhecendo variantes lingüísticas, discute algumas das influências exteriores que agem sobre as línguas, como raça, clima, condições sociais, conquistas e existência de uma literatura; e, depois, aponta as internas, especialmente, lexicológicas, fonéticas, morfológicas e sintáticas. Nessa seção fornece-nos também uma classificação das línguas, baseada em critérios geográficos, etnológicos, morfológicos e genealógicos, discorrendo sobre as que têm e as que não têm literatura. Na seção II, nomeada pelo autor de **O latim e as línguas românicas** (*particularmente o português*), discute a extensão do domínio do latim na Itália, as línguas da Península Ibérica e sua romanização, caracteriza o latim vulgar e o literário, discute a invasão dos bárbaros e a decadência da cultura romana e a influência dos povos romanizados e dos bárbaros sobre o latim. Continua apresentando a formação das línguas românicas e a importância dos mulçumanos na Hispania. Finaliza a seção com o subcapítulo: “O português escrito”, lembrando que:

⁹ Objeto do próximo item.

Filol. lingüíst. port., n. 9, p. 27-42, 2007.

Os mais antigos documentos portugueses que se acham publicados são uma *notícia particular* sem data, mas que é considerada como remontando ao reinado de D. Sandro I e uma *notícia de partilhas, datada de 10/03/1192*. (p. 86)¹⁰

Na seção III, intitulada **Formação do léxico português**, o autor, primeiramente, lista vários dos elementos latinos que auxiliaram na constituição do nosso idioma, depois traz alguns dos provenientes das línguas faladas na península anteriormente ao latim, como os elementos fenícios, os gregos, os *eúscaros* (bascos) e os célticos, continua com os advindos das línguas faladas pelos conquistadores depois do domínio romano (os germânicos e os árabes) e finaliza com os de origem diversa.

Na última seção, a IV, denominada **Noções da história da Língua Portuguesa escrita**, Adolfo Coelho apresenta-nos duas divisões em períodos da nossa língua: uma baseada na existência de uma literatura gramatical e lexicológica e outra assentada sobre aspectos externos. A primeira, partida em dois momentos: período de sincretismo e de disciplina gramatical. A segunda, também bipartida, tem seu primeiro momento na aparição dos primeiros antigos documentos em português (fim do século XII) até o XV; e o outro no final do século XV em diante. Lembra-nos o autor que entre o primeiro e o segundo períodos há uma fase de transição sem limites muito definidos.

Por essa pequena descrição das partições das obras podemos observar, em primeiro lugar, que ambos os compêndios têm como objetivo promover uma ruptura nos estudos gramaticais e atingem seu intento. Percebemos que a *Gramática da Língua Portuguesa* pode ter-se apoiado em *A Língua Portuguesa* e, nesse sentido, citamos Júlio Ribeiro:

¹⁰ Para facilitar a leitura, procedemos à atualização ortográfica.

FÁVERO, Leonor Lopes e MOLINA, Márcia A G. A gramática luso-brasileira...

Pelo que respeita Adolfo Coelho, pergunto: quem poderá escrever hoje sobre filologia portuguesa, sem tomá-lo por guia, sem se ver forçado a copiá-lo a cada passo? (Prefácio da segunda Edição, p. III)

Mas elas diferem quanto à abrangência do conteúdo, já que a portuguesa debruça-se em *alguns fatos da Língua Portuguesa* e a brasileira busca percorrer sobre todas as partes de um compêndio gramatical daquela época.

3.3. Definições gerais

3.3.1. Gramática da Língua Portuguesa

Pacheco e Lameira na *Observações Gerais*, em primeiro lugar, definem *gramática geral* e *histórica*. Esta é a que estuda os fatos da língua desde sua origem, aquela os fatos e as leis da linguagem escrita e falada em toda a sua extensão. Em relação à gramática histórica, dizem ainda: “É o conjunto dos processos comuns a muitas línguas comparadas” (p. 65).

Pela definição aqui trasladada, podemos constatar que os autores estão mesmo aqui iluminados pela corrente comparativista dos estudos gramaticais. Ayer, um dos representantes dessa linha, em sua *Grammaire Comparée de la Langue Française* (1900, p. 17), preconiza:

Le langage diffère suivant les races et les climats; mais chaque langue, chaque idiome, même celui qui est parlé par le peuple le moins policé, est soumis à des lois aussi certaines que celles qui régissent le monde physique; et ainsi, le langage étant l'oeuvre de la nature, et non l'invention de l'homme, la grammaire doit être traitée de la même manière que les autres sciences de la nature, qui partent de l'observation des faits pour arriver par voie de déduction à la constatation des lois.

Pacheco e Lameira apresentam também a definição da “gramática comparativa e da histórico-comparativa”. A primeira, dizem eles, é “o estudo desses fatos (da língua) em comparação com os de outra ou de outras línguas;” a segunda “é a que emprega a história e

a comparação como instrumentos verificadores da linguagem” (p. 65), acrescentando:

Só ela nos ensina a dissecação científica dos vocábulos; permite remontar ao passado obscuro, muito além do ponto em que param a lenda e a tradição; pode reconstituir a forma típica das palavras desfigurada se desgastadas pelas migrações e pelos séculos (...) A melhor forma ou compostura é a histórico-comparada. (p. 65-6)

Novamente podemos perceber com clareza que os autores foram mesmo influenciados pelos pressupostos teóricos apresentados por Bopp e Diez.

Ayer (p. 3), por exemplo, assim explicita a função de sua gramática:

La grammaire tient surtout compte de l'état actuel de la langue; mais l'usage présent dépend de l'usage ancien, et la plupart des faits grammaticaux ne s'expliquent que par leur comparaison avec les formes anciennes.

Outra gramática lembrada por Pacheco e Lameira é a *descritiva* ou *expositiva*, como “a codificação empírica, a exposição analítica dos fatos da linguagem”. Continuam, acrescentando que ela não investiga as causas, nem explica as leis, seu papel é apenas “classificar, definir, e exemplificar os materiais lingüísticos” (p. 66).

Os autores propõem uma bipartição da gramática em **lexicologia** e **sintaxe**. A primeira “estuda a palavra individualmente” (p. 66) e está dividida em quatro partes: **fonologia** ou *estudo dos sons* (compreendendo: *fonética, prosódia e ortografia*); **morfologia**, ou *os estudos das formas*; **semiologia** ou *estudo do sentido das palavras e da sua variabilidade (semântica)*; e **etimologia** (p. 66-7).

Devemos atentar aqui para a modernidade dessa obra, uma das primeiras a discutir *semântica*. Importa informar que Pacheco da Silva já havia escrito suas *Noções de Semântica*, livro editado anos mais tarde, em 1903, em cujo esclarecia: “Quando nos veio às mãos o livro *Essai de sémantique* do professor Bréal, já estava escrito o pequeno trabalho que ora damos à publicidade”.

A segunda parte da gramática, *sintaxe*, “trata da palavra coletiva, isto é, da frase e da proposição” (p. 7) e eles a dividem em **gramatical**, “a teoria da coordenação e da subordinação” e **literária**, teoria artística da palavra em suas relações com a estética do pensamento.

3.3. *A Língua Portuguesa*

Adolfo Coelho inicia seu compêndio diferenciando *filologia* de *glotologia*. Esta, segundo o autor, é o estudo científico da linguagem, sem compromisso, nem com o estudo prático das línguas, nem com sua análise como meio para o conhecimento de literatura; aquela, a filologia, “estuda as línguas por elas mesmas (pág.3), asseverando que sua preocupação é com o conjunto de conhecimentos que se referem à literatura d’um ou mais povos e a língua que serve de instrumento para essa literatura” (p. 1).

Outrossim, Adolfo Coelho professa: “Gramática é a ciência que estuda as leis ou normas, segundo as quais o pensamento se exprime por palavras” (p. 3).

Fonologia (ou fonética) para ele é o “estudo dos sons constitutivos das palavras e das suas transformações” (p. 4), especificando que a fonética é *fisiológica*, quando se limita a descrever os sons de uma ou mais línguas com relação ao seu modo de produção; e é *histórica* quando estuda as leis que regem a supressão ou substituição desses sons por outros no curso de *vidas das línguas*, termos adotados da corrente evolucionista.

Na sua *A Língua Portuguesa*, explica, novamente calcado na corrente científica, que *morfologia* é o estudo da estrutura ou forma das palavras em seus elementos mórficos, isto é, raízes, sufixos, prefixos e infixos.

Continuando, Adolfo Coelho ensina que a “sintaxe tem por objeto o estudo das condições que se observam na reunião das palavras em orações e das orações em períodos” (p. 9), preconizan-

do que ela é *histórica* quando analisa as modificações por que passam as *condições* no curso da *vida* das línguas, esclarecendo suas modificações morfológicas e funcionais (p. 10).

O autor português, depois, acrescenta que a *semiologia* – estudo da função das palavras – não está organizada, especificando que essa é uma das partes da gramática que mais apresenta dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas as obras refletem o período em que foram escritas: mudanças sócio-históricas tanto aqui como em Portugal, já que, ao mesmo tempo em que se propõem à ruptura, não deixam de, em determinados momentos, revelar seu apego ao modelo filosófico. Em virtude disso, podem-se perceber vários pontos de contato entre elas, como por exemplo:

a) as duas gramáticas são coerentes com os objetivos pelos quais foram escritas: a *Gramática da Língua Portuguesa* de Pacheco da Silva e Lameira de Andrade foi escrita para ser usada em escolas secundárias – e efetivamente o foi¹¹ – haja vista o que os autores afirmaram no prefácio da 2ª edição:

Apresentamos agora essa nossa obra em molde definitivo de gramática, mas por forma que, sem perder a sua primeira feição, embora demudada a compostura, melhor corresponda às necessidades dos que estudam e à simpatia do assunto. (p. 3)

b) com *A Língua Portuguesa*, subtítulo *noções de glotologia geral e especial portuguesa*, Adolfo Coelho também objetivava divulgar os inovadores princípios da corrente histórico-comparativa, embora tenha sido, igualmente à anterior, dirigida ao público estudantil.

Recordemo-nos que o autor lusitano, no prefácio, já elucidara que seu propósito não fora o de publicar uma obra na qual fossem

¹¹ Adotada no Colégio de Pedro II na última década do século XIX.

abordadas todas as questões de língua, queria um material inovador, que não repetisse conteúdos já aprendidos anteriormente.

c) o autor português, ancorado na tradição greco-latina, afirma que a gramática divide-se em quatro partes: fonologia (ou fonética), morfologia, sintaxe e semiologia, enquanto nossos professores rompem com essa posição, apresentando uma bipartição da gramática, como vimos, em *lexicologia* e *sintaxe*.

d) pudemos constatar que o autor lusitano não vislumbra diferença entre *fonética* e *fonologia*, enquanto os brasileiros vêem a primeira como uma das partes da segunda.

Sabemos que durante várias décadas ambas as terminologias foram usadas ora similar ora distintamente. Somente com os estudos do Círculo de Praga a oposição entre ambas ficou de certa forma estabelecida:

Assim, antes do emprego que lhe deu o Círculo de Praga, vemos insistentemente o termo *fonologia* usado para o estudo dos sons e da elocução de uma determinada língua, enquanto *fonética* entendido como a ciência geral dos sons da fala.

Devemos também salientar que o português foi um grande crítico educacional; em sua *A Questão de Ensino*, já asseverara:

No primeiro ano (da instrução secundária) a criança aprende o que já aprendera na instrução primária, com um desenvolvimento um pouco maior apenas, (...) a mesma gramática por onde estudam na aula de português é n'algumas partes aquela por onde estudam os de instrução primária. Nem uma única noção científica sobre a origem de nossa língua, e sua história (...) nem a maior parte dos professores sabem nada disso (...) (p. 26-7).

Por outro lado, a obra brasileira procurou, como já mencionamos anteriormente, abordar os conteúdos selecionados por Fausto Barreto, para os exames no Colégio de Pedro II, buscando abarcar todos as partes que as obras a ela contemporâneas traziam.

O que não podemos deixar de destacar é a importância que esses estudiosos tiveram na História das Idéias Lingüísticas do Brasil, já que romperam com a tradição logicista, imprimindo caráter

Filol. lingüíst. port., n. 9, p. 27-42, 2007.

científico à linguagem e, por isso, suas obras serviram de referência a muitas outras que as sucederam.

BIBLIOGRAFIA

- AYER, C. (1990) *Grammaire de la langue française*. Paris: Libraires – Éditeurs.
- BRAUDEL, F. (1990) *L'identité de la France*. Paris: Flammarion, p. 401, v. 2.
- BREAL, M. (1897) *Essai de sémantique: science des significations*. Tradução brasileira: *Ensaio de semântica*, São Paulo: Educ, 1992.
- CÂMARA Jr., M. (1977) *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- COELHO, A. (1881) *A língua portuguesa*. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz Editores.
- FÁVERO, L. L. (2002) A Grammatica Portugueza de Júlio Ribeiro. *Revista da Anpoll*, 13, p. 79-90.
- FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. (2006) *As concepções lingüísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- FIGUEIREDO, A. J. (1957) *Resenha breve das idéias gramaticais (dos gregos aos nossos dias)*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército.
- GONÇALVES, M. F. (2004) *Notas sobre o positivismo lingüístico em Portugal no século XIX: sobre a língua portuguesa (1871)*, de F. Adolfo Coelho. Braga: Universidade do Minho.
- LUZURIAGA, L. (1973) *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MASSAUD, M. (1973) *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix.
- RIBEIRO, J. (1904 [1881]) *Gramática portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- SILVA, A. C. (1995) Francisco Adolfo Coelho: filólogo, etnólogo e pedagogo. *Cadernos da Associação Portuguesa de Lingüística*.
- SILVA, P.; ANDRADE, L. (1887 [1894]) *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Livraria Clássica de Alves & C.
- SILVA, P. (1903) *Noções de semântica*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- VECHIA, A.; LORENZ, M. (orgs.) (1998) *Programa de ensino da escola secundária brasileira*. Curitiba: Ed. do Autor.

ABSTRACT: Our objective in this article is to analyze Pacheco Silva and Lameira de Andrade's *Gramática da Língua Portuguesa*, and Adolfo Coelho's *A Língua Portuguesa*, having as a basis the history of linguistic ideas in Brazil and verifying their similarities and dissimilarities. The former was elaborated in our country, in order to supply the gap created by Fausto Barreto's Examination Program in 1887; the latter, in Portugal, in 1881 and a dividing water line, since it inaugurates the scientific method there. Once we believe that "men show more similarity to their time than

FÁVERO, Leonor Lopes e MOLINA, Márcia A G. A gramática luso-brasileira...

to their parents”, due to the fact that “these do not make history, rather, history makes them”, we first present a brief, historical retrospect, which visits the years that had preceded the creation of the compendia. We show that the XIX century was a moment of considerable transformation, both in Brazil and in Portugal and that the comprehension of such transformations has enabled a better interpretation of facts. Furthermore, the article succinctly provides the authors` biographies, once, as Foucault says (1979), the author`s name is already a description of his work. Finally, we discuss the data presented. We can perceive that both grammars reflect the ambiguities originated in a period of transformations – since, at certain points, we feel the force of linguistic tradition superseding that of renewal.

KEYWORDS: *A Língua Portuguesa; Gramática da Língua Portuguesa*; comparative study; Portugal; Brasil.